A MITOPOESE NA AMAZÔNIA

Auxiliadora dos Santos Pinto[1]
Cesar Romero Cavalcanti de Albuquerque[2]

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta e analisa alguns mitos e lendas amazônicos. Os dados foram coletados na obra literária "A mitopoese na Amazônia", de autoria do Escritor Cesar Albuquerque. O autor descreve os principais mitos das civilizações indígenas da Amazônia. Também registra, a partir da reconstituição da memória individual e de relatos das populações que convivem/conviveram nas comunidades rurais-ribeirinhas amazônicas, histórias de encantados e encantamentos.

Objetiva-se discutir e refletir sobre alguns elementos que contribuem/contribuíram para a formação da cultura na Amazônia, destacando o misticismo e a subjetividade das populações amazônicas, com seus modos de vida singulares, porém, ao mesmo tempo pluriculturais e entrelaçados com elementos naturais, dentre eles: a hidrografia, a fauna e a flora e com elementos sobrenaturais, tais como: mitos e lendas, que povoam/povoaram o imaginário dos sujeitos amazônicos.

A análise da obra foi fundamentada pelos estudos de Loureiro (2001), em cuja obra apresenta as características da cultura Amazônica; Krüger (2011), cujos estudos discutem sobre a memória mítica da Amazônia; Levi- Strauss (1978) que explica o encontro do mito com a Ciência e outros. Pretende-se, com esse trabalho, contribuir para o

---

[1] Doutora em Letras – Literaturas em Língua Portuguesa. Professora Adjunta do Departamento Acadêmico de Ciências da Linguagem (DACL), curso de Letras, da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), *Campus* de Guajará-Mirim.
[2] Advogado, Teólogo, Conferencista e Escritor. Membro da Academia de Letras de Rondônia (ACLER) e Membro da Academia Guajaramirense de Letras (AGL).

reconhecimento e a valorização das vozes e memórias da população amazônica expressas na literatura.

2 O AUTOR

Cesar Romero Cavalcanti Albuquerque nasceu nas cabeceiras do rio Preto da Eva, na Amazônia. Viveu a primeira infância à beira do rio, época em que foi praticamente criado pela sua bisavó Inaiê, índia da tribo dos Mura, pega no laço e comprada por um aventureiro espanhol, com o qual casou-se e, para isso, teve de ser batizada, recebendo o nome cristão de Deborata.

Com a avó, o autor aprendeu, dentre outras coisas, o Nheengatu assustando o avô que, desembargador, proibiu que se falasse aquela língua de "bugre", em casa. Hoje, esqueceu-a completamente. Á sombra de uma lamparina bruxuleando luz no meio do escuro da noite, ouviu histórias de assombrações e medos da mata. Mais tarde, ao tempo que por bem mais de duas décadas perambulou pelo interior da Amazônia, continuou ouvindo narrações de mitos e assombrações em tudo idênticas àquelas contadas pela vovó Dadá, como ele a chamava carinhosamente. As diferenças entre as histórias contadas pela avó e as histórias ouvidas em suas andanças pela Amazônia, se as haviam, eram meramente pontuais – os mitos existiam à beira dos igarapés, dos rios ou dos lagos, conforme a residência dos contadores. Sequer mudavam as molduras. Do que contaram, o autor viu e escutou, anotou em agendas amareladas ou, então, guardou nos cafundós da memória. Às vezes, lendo e recordando, não encontrava diferença alguma entre elas.

Embora desde a infância tivesse um razoável conhecimento das lendas gregas – graças, a princípio, a Monteiro Lobato – esqueceu-se das lendas amazônicas, ainda que tivesse escrito várias obras, algumas delas sobre a região. O autor confessa, que foi difícil se livrar dos antojos que toldavam a sua visão e despir de sua mente o complexo de "vira-lata"

rodriguiano que a exornava. Então, ainda que com algumas décadas de atraso, escreveu o livro.

Para a elaboração da obra, além de recorrer aos saberes construídos durante a sua vivência e experiência no contexto amazônico, o autor procurou fundamentação teórica sobre o tema em epígrafe. Sobre esse aspecto, vale ressaltar que ele aprendera, em leituras anteriores, que antes do contato com os brancos, os índios eram seres puros: os bons selvagens de Rousseau. Mais tarde, diante da realidade que se lhe apresentava, modificou seus paradigmas. Por fim, o autor escreveu a obra "A Mitopoese na Amazônia" para que a memória dos povos amazônicos não se perdesse nas sombras do esquecimento.

3 A MITOPOESE NA AMAZÔNIA NA VOZ DE CESAR ALBUQUERQUE

Neste tópico, faz-se a exposição e análise de algumas lendas e mitos, encantados e encantamentos apresentados na obra "A mitopoese na Amazônia." Na referida obra, autor percorre os principais mitos das civilizações indígenas amazônicas, fazendo analogias e estabelecendo paralelos com mitos de outras culturas e de outras temporalidades.

A cultura do povo amazônico, neste trabalho, será fundamentada nos pressupostos dos Estudos Culturais: "[...] Definir cultura é pronunciar-se sobre o significado de um modo de vida. Esse o vasto campo de estudo e intervenção aberto aos estudos culturais no momento de sua formação." (CEVASCO, 2008, p. 23).

Na concepção do autor Cesar Albuquerque, em princípio, na quase totalidade das vezes, os povos indígenas não conheciam divindade alguma e, as não conhecendo, sequer podiam temê-las ou render-lhes culto. Nesse sentido, Tupã pode ser mencionado como o exemplo mais conspícuo. Aliás, em 1549, escrevendo aos seus superiores, o Padre Manuel da Nóbrega diz que "[...] a gentilidade a coisa alguma adora nem conhecem a

Deus, somente aos trovões a quem chamam *tupana"*. Ora, assim, para eles, *tupana* jamais seria um deus, mas, no máximo, uma manifestação dele. Dentro desse aspecto, e à falta de uma melhor representação, os colonizadores impingiram um deus europeizado, barbas e cabelos grandes e brancos, braquicéfalo, machista e monista. Esta visão da divindade Tupânica tomou-se pela vez primeira, entretanto, a partir de 1584, com Cardim, em Origem dos Índios do Brasil II.

Entretanto, o autor afirma que se surpreendeu quando fez a leitura da obra "Mitologia Grega", de Junito de Souza Brandão sobre mitos e lendas gregas bem como as análises de tais arquétipos feitas por Raíssa Cavalcanti na obra "Mitos da Água e o mundo do pai". Os estudos sobre o folclore produzidos pelo mestre Câmara Cascudo, ele já os sabia. Basicamente, isto foi o que leu em português, ressalvando-se outras fontes diversas, nacionais ou não, por ele consultadas.

Passadas algumas décadas, veio-lhe o estalo de Vieira, conforme diriam os maiores povoadores de nossa Amazônia – os nordestinos. *Mutatis,* um tanto ou quanto *mutandis*, qualquer análise feita aos mitos gregos pode ser aplicada aos amazônicos. À exceção que, no geral, os da antiga *Hélade* derivavam de um casal primal. Não os da Amazônia nos quais são raríssimas as exceções. Porém algumas vezes podemos ser induzidos a supor tal princípio, como na lenda do Mapinguari. De acordo os que o viram, ele tem um pelo tão espesso e entranhado que uma bala só o mata se atingir o umbigo. Bem, daí a conclusão lógica – se tem umbigo é porque foi gerado, veio de um ventre materno. Mui excepcionalmente, aliás, algumas testemunhas dizem ter visto um casal com filhote. Todos esses fatos aliados a outros e a só existirem relatos de encontros posteriores ao século XVI, reforça a tese de ser um mito importado, possivelmente da África, com os primeiros escravos.

Na obra "Mito e Literatura, Krüger (2009, p. 15) explica que:

> Os mitos são narrativas que possuem um forte componente simbólico. Como os povos da antiguidade não conseguiam explicar

> os fenômenos da natureza, através de explicações científicas, criavam mitos com este objetivo: dar sentido às coisas do mundo. [...] Deuses, heróis e personagens sobrenaturais se misturam com fatos da realidade para dar sentido à vida e ao mundo.

Corroborando o tema, Elíade Mircea (1970), na obra "Aspecto do Mito", apresenta a seguinte definição: "Mito é uma narrativa tradicional de conteúdo religioso, que procura explicar os principais acontecimentos da vida por meio do sobrenatural." (MIRCEA, 1970, p. 10).

Vale ressaltar que os mitos da água são muito fortes e, por suas características físicas, a Amazônia os tem em grande número. E quando femininas, tais entidades são poderosíssimas. A Mãe-d'água (Iara) é uma delas. Pode ser comparada com Afrodite grega (Vênus, para os romanos) retratada por Botticelli. Afrodite nasceu no mar, saída do sangue espumoso oriundo da castração do pai. Casou-se com Hefesto, deus do inferno, mecânico e coxo. Porém, era infiel e vingativa, geralmente odiava quando acabava o relacionamento e, por isso, todos tinham medo dela. Extremamente hedonista, pode-se dizer que ela vivia em função da própria beleza.

Para Loureiro (2001, p.126), na Amazônia, "O rio é tudo. Ele está intimamente ligado à cultura e à sua expressão simbólica". Sobre esse aspecto, o referido autor também afirma que a Amazônia é uma floresta de símbolos:

> Na Amazônia as pessoas ainda vêem seus deuses, convivem com seus mitos, personificam suas ideias e as coisas que admiram [...] procuram explicar o que não conhecem, descobrindo o mundo pelo estranhamento, alimentando o desejo de conhecer e desvendar os sentidos das coisas em seu redor. (LOUREIRO, 1995, p. 103).

Na obra "A mitopoese na Amazônia", a Iara, mito da água da Amazônia e, também, poderosíssima, ela vem do fundo dos rios ou lagos sem apontar qualquer resquício de paternidade. Ela não identifica sua origem, existe apenas. Ao contrário de Vênus que vem da espuma do mar, nasce sobre as ondas, a Mãe-d'água emerge dos mais profundos talvegues, daquela escuridão erma onde a consciência se autoconhece e, consequentemente, está sempre evoluindo. Protege o feminino, levando à loucura aqueles que maltratam a

mulher. Se esta a procura, sempre buscará uma solução para o problema apresentado.

Ela também é vingativa e tem diversos amantes. Se os desaprova, devolve-os a terra, enlouquecendo-os antes. Pode, ainda, matá-los ou torná-los escravos. No caso de eles caírem em suas preferências, ela os torna cheios de conhecimentos, transforma-os em pajés e os devolve à taba para fazerem o bem, especialmente na área de cura.

Conforme Loureiro (2001), as manifestações culturais amazônicas são híbridas e formadas a partir das contribuições dos povos migrantes e das raízes indígenas e caboclas do meio rural ribeirinho, que permeiam o viver amazônico:

> A cultura amazônica é, portanto, uma produção humana que vem incorporando sua subjetividade, no consciente coletivo e dentro de peculiaridades próprias da região, motivações simbólicas que estreitam, humanizam ou dilaceram as relações dos homens entre si com a natureza. (LOUREIRO, 2001, p. 80).

Assim pode-se comparar a Mãe-d'água à Afrodite grega. Esta é cultuada em diversos aspectos. Ela precisa da adoração dos mortais para garantir a existência. E retalia quando não lhe dão as homenagens que tem como devidas. Para sair do mar à terra, necessitou do auxílio de Zéfiro, o vento oeste. Tem-se, na imagem da lenda, o elemento feminino incompleto. Eis que necessita do masculino para guiá-la no rumo de chegar. Sem fugir à regra, o panteão grego é plural e machista. Nele, talvez, a exceção única seja Atena.

Por sua vez, a Mãe-d'água é o protótipo da libertação feminina. Daquela que não precisa da contraparte masculina sequer para lhe indicar o caminho. Ela é a realidade da epifania feminina em toda a sua pujança evolutiva.

Um dos mitos mais conhecido da Amazônia é o do Boto. Ele só fazia o bem no adjutório que dava àqueles que estavam se afogando nos rios ou lagos, ajudando-os a chegar à margem. Porém, evoluiu. Por motivos mais que

óbvios, transformou-se em conquistador de moça donzela em festas à beira do rio.

A partir da leitura da obra "O prometeu acorrentado", de Ésquilo. Cesar Albuquerque também apresenta a seguinte analogia: dos males do mundo que escaparam da caixa onde estavam aprisionados e se espalharam sobre a terra, não há como deixar de lembrar-se da história do tucumã ocado dentro do qual prendiam-se os medos, a noite e os males do mundo. Tirou-se a cera de abelha que tamponava o buraco pelo qual foram aprisionados e eles fugiram.

Por fim, o autor mostra, a partir da história, da literatura, da cultura, e da memória, os principais elementos constituidores dos mitos amazônicos, mostrando, também, de que forma são construídos os sentidos dos fatos históricos e sociais que contribuem/contribuíram para a constituição das identidades na Amazônia.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na obra "A Mitopoese na Amazônia", o autor não enclausura os mitos numa perspectiva dogmática e, por isso, não os considera emoldurados dentro daquela concepção cartesiana na qual toda a verdade tem de ser evidente por si mesma. Mesmo porque, não existe a perfeição estática por Platão visualizada e incorporada à sua República. Sabe-se, hoje, ser o essencial invisível para os olhos (*l'esentiel est invisible pour les yeux*), conforme obra " O pequeno príncipe, do autor Saint- Exupéry. E, *the last, but not the least*, o imaginário é fundamental à criação da matéria. Ela tem sua origem na onda (imaginação) e por ela é formada, eis que o mito é um arquétipo e, portanto, uma projeção do inconsciente individual ou coletivo. Assim é que, dentro de tais conceitos relativamente fáceis e simples apresentados na obra, o autor nos leva à realidade do imaginário amazônico e o analisa.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Cesar Romero Cavalcanti. **A mitopoese na Amazônia**: lendas e mitos, encantados e encantamentos. Rio de Janeiro: Editora do autor, 2014.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. 9ª. Ed. Vol. III. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

CAVALCANTI, Raíssa. **Mitos da Água (As Imagens da Alma no seu Caminho Evolutivo).** 9ª. ed. São Paulo: Editora Cultrix Ltda, 1997.

_____. **O Mundo do Pai (Mitos, Símbolos e Arquétipos).** 9ª. Ed. São Paulo: Editora Cultrix Ltda.,1999.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais.** 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral:** memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ELÍADE, Mircea. **Aspectos do mito** São Paulo: Martins fontes, 1963.

ÉSQUILO. **O Prometeu acorrentado.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

KRÜGER, Marcos Frederico. **Amazônia:** mito e literatura. 3. Ed. Manaus/AM: VALER Editora, 2011.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. 9 ed. Rio de janeiro: Zahar, 2001.

LOUREIRO, João Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário.** Obras reunidas. Poesia I. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe.** Rio de Janeiro, Editora Agir, 2009. Aquarelas do autor. 48ª edição / 49ª reimpressão. Tradução por Dom Marcos Barbosa.